

Abolição foi fatal para donos de charqueadas

Obra de juventude de Fernando Henrique é um bom exemplo de estudo na linha da história das mentalidades

Capitalismo e escravidão no Brasil meridional — O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul,

de Fernando Henrique Cardoso. *Civilização Brasileira* (5ª edição revista), 376 páginas. R\$ 45

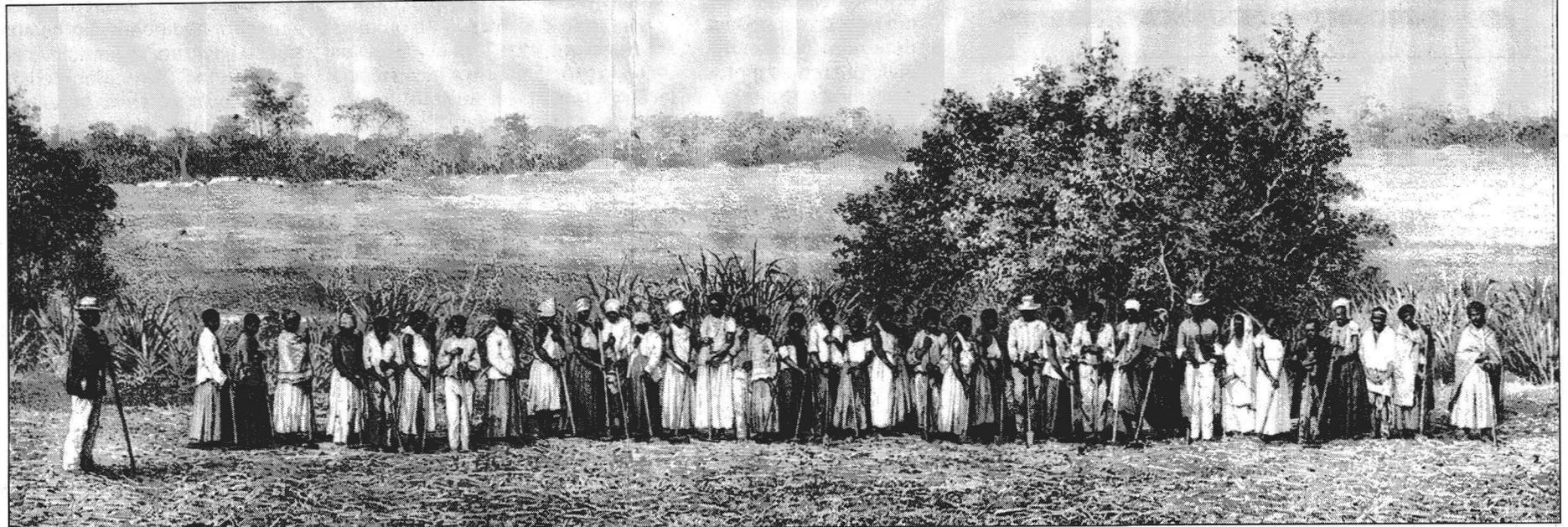
Isabel Lustosa

A forma que a escravidão assumiu no Rio Grande do Sul em função das peculiaridades do lugar é o tema de "Capitalismo e escravidão no Brasil meridional", do sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Obra do final da juventude, como diz o próprio autor, escrita no começo da década de 1960 e considerada um dos clássicos da literatura existente sobre o assunto, se perdeu algo de sua força analítica, ganha aos olhos de hoje outras possibilidades de leitura. Pois é agradável surpresa para o historiador a excelente e bem compreendida reconstituição das transformações pelas quais passou a sociedade gaúcha do final do século XVIII ao final do XIX.

O Rio Grande do Sul das tropas e criação de gados

A partir de farta documentação — cartas, ofícios e relatos de viajantes — o Rio Grande do Sul que emerge dessas páginas faz contraste com o prosaico Rio Grande das boas chácaras de açorianos, da média e pequena propriedade, experiência precursora que, incrementada também pela imigração europeia no final do século XIX, produziu a variedade cultural e a riqueza econômica que garantiriam àquele estado o lugar importante que tem hoje na economia brasileira.

Em seu passado colonial, no entanto, o Rio Grande foi o território de onde partiram e para onde voltaram as tropas nas guerras do Prata; ponta do Brasil, fronteira que foi, durante muito tempo, móvel, com as incorporações e desincorporações violentas ou pacíficas da colônia de Sacramento. Sua economia foi organizada em função dessa realidade e como a instabilidade não estimulava grandes investimentos agrícolas, as criações de gado se constituí-



A FOTO de Victor Frond com trabalhadores escravos no Sul ilustra a capa da 5ª edição da obra do fim da juventude do sociólogo e ex-presidente Fernando Henrique Cardoso

Reuters

ram em sua primeira riqueza. Criado solto nas vastas pastagens do pampa gaúcho, sem maiores investimentos ou cuidados na criação, o gado de colonos portugueses ou espanhóis era o alvo principal dos apresamentos. Tropas que precisavam ser alimentadas eram abastecidas por contrabandistas muitas vezes contratados pelo governo para prear o gado do adversário.

A própria guerra intermitente, muitas vezes com características de guerrilha, também favorecia a formação de lideranças não oficiais, de chefes de bando violentos que, convidados a se associar ao lado brasileiro, iam, pouco a pouco, adquirindo certa honorabilidade. Muitos se estabeleceriam como estancieiros, sem perderem, no entanto, traços do passado de bandoleiro. Fernando Henrique faz um correto diagnóstico do papel dessas circunstâncias históricas na formação de um tipo de atitude característica do gaúcho e que lhe seria marcante até à derrocada final dos grandes estancieiros e charqueadores depois da Abolição. Deste ponto de vista, este trabalho, que também compreende as excelentes notas à margem dos capítulos, pode ser lido também como um exemplar de história das mentalidades *avant la lettre*.

O Sul fornecia os produtos de subsistência para os outros estados que se dedicavam às cul-



FERNANDO HENRIQUE

Cardoso: a

obra,

considerada

clássica, prova

que a teoria

não pode

antecipar a

pesquisa

turas coloniais de exportação: café e açúcar. Por isso os escravos não foram ali tão numerosos e a Abolição não teve o impacto que teve nas regiões produtoras de café. O Rio Grande, como o Ceará, também libertou seus escravos antes do 13 de maio de 1888. Sua abolição, em 1884, no entanto, foi uma abolição de araque: oficialmente libertava os escravos mas estabelecia um contrato de prestação de serviço para ressarcir senhores de escravos do prejuízo. No Rio Grande, os mais prejudicados pela Abolição foram

os donos das charqueadas: as grandes empresas dedicadas à produção e à exportação do charque, o principal item da produção econômica rio-grandense. Fernando Henrique contrasta a atitude desses com a dos chamados saladeiros do Prata que, há muito tempo, já conduziam sua produção com base no trabalho assalariado. A evidente superioridade da indústria do charque platina sobre sua correspondente gaúcha e o fato dessa superioridade resultar da adoção do trabalho assalariado não determinaram,

no entanto, uma mudança no sistema brasileiro.

Esta é, na opinião do autor, a prova maior de como a escravidão contribuía para o embotamento da consciência tanto dos escravos quanto dos senhores. A necessidade de alimentar, abrigar e disciplinar o escravo e também de mantê-lo em permanente atividade mesmo quando não havia mercado para os produtos, dava às charqueadas brasileiras um caráter diverso do de uma empresa capitalista. A partir da proibição do tráfico negreiro, em 1850, o custo da mão-de-obra escrava foi sendo seguidamente onerado. A incapacidade dos produtores de charque de promover a substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra livre foi-lhes fatal.

Há, naturalmente, aspectos deste livro que envelheceram. A qualidade dos argumentos dos adversários com quem o autor polemiza, por exemplo, é um deles. São argumentos eivados de juízo de valor em torno do que seria o "caráter gaúcho" que, dificilmente, se incluiriam em obra acadêmica atual. Também perde muito de sua força a reflexão sobre a "falsa consciência" do escravo. Diante do grande número de obras sobre o tema, da documentação revelada posteriormente e da própria modificação nos métodos de pesquisa, todo o pensamento construído a partir de ila-

ções teóricas ganha ares de grande abstração.

Clareza da informação e da análise merecem destaque

Fernando Henrique começa o prefácio a esta edição negando que tenha alguma vez dito que esquecessem o que ele escreveu. Ainda bem, pois seria realmente uma pena deixar de lado contribuição tão substancial. Escrito sob a orientação de Florestan Fernandes num tempo em que as teses eram antecedidas de imensas introduções teóricas e era evidente o esforço de muitos em adaptar a realidade ao que mandava a teoria, este livro é a prova de que, ao contrário, a teoria deve orientar e iluminar a pesquisa mas não pode antecipar seus resultados. Pois a força maior de "Capitalismo e escravidão no Brasil meridional" reside justamente nas partes em que o autor se deteve na análise das fontes documentais. Enquanto trabalho acadêmico é modelo de correção e merecem destaque a clareza da informação e da análise; o bom didatismo nas aberturas e as conclusões dos capítulos; e a própria realização do projeto que, obedecendo a critérios adotados para pesquisa maior, manteve, no entanto, sua autonomia. ■

ISABEL LUSTOSA é escritora e cientista política, pesquisadora da Casa de Rui Barbosa